

*Bibliotheca Publica,*

*Gröly*

ANNO I

BRAZIL



REVISTA

CATHARINENSE

PUBLICAÇÃO MENSAL DESTINADA Á DEFEZA DOS INTERESSES  
DO  
**ESTADO DE SANTA CATHARINA**

REDACÇÃO

*Director — dr. Theophilo Nolasco d'Almeida*  
*Secretario — Nestor Passos*

COLLABORADORES :

Conselheiro Manoel da Silva Mafra, General dr. Alexandre Marcellino Bayma, 1º. Tenente dr. Nepomuceno da Costa, José Ramos da Silva Junior, 1º tenente dr. Liberato Bittencourt, dr. Luiz Delfino dos Santos, dr. M. C. do Rego Barros, dr. Celso Bayma, Luiz Nunes Pires, C. Marqucs Leite, Rodolpho Goudel.

✦ Julho de 1900 ✦

CAPITAL FEDERAL

RUA DA CARIOCA 34—1º. andar

TYPOGRAPHIA L. MIOTTO

13 BECCO DO FISCO 13

RIO DE JANEIRO

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

# "Centro Catharinense"

(Sede: Rua da Carioca 34, 1º Andar)

## PRESIDENTE

José Ramos da Silva Junior.

### 1.º VICE-PRESIDENTE

João Corcoroca.

### 2.º VICE-PRESIDENTE

João Leopoldino Teixeira Bastos

### 1.º SECRETARIO

Nestor Passos.

### 2.º SECRETARIO

Joel Augusto da Silva.

### 1.º ORADOR

dr. Celso Bayma.

### 2.º ORADOR

Luiz Nunes Pires.

### THE SOUZEIRO

Rodolpho Goudel.

### BIBLIOTHECARIO

Emilio da Silva Simas.

### COMISSÃO FISCAL

Octavio Melchiades, Manoel Ignacio Bricio Guillon e Jacob Bergmann.

### CAIXA BENEFICENTE

Manoel Luiz da Costa, Annibal Nunes Pires, Manoel Paulino de Aguiar e Tarquinio de Medeiros.

## Comissões Permanentes

### FLORIANÓPOLIS

Durval Varella Alves, Francisco de Assis Costa, João Pedro de Oliveira Carvalho, Leonidas Branco, Adalberto Gil Ribas, João Grumiché, Amphiloquio Marques da Silva, Alfredo Juvenal da Silva e José Antonio de Souza Junior.

### TUBARÃO

Antonio Bibiano de Assumpção, José Martins Cabral, Gustavo Gonzaga e Francisco Gonçalves da Silva Barreiros.

## REPRESENTANTES DA "REVISTA CATHARINENSE"

### S. PAULO

S. PAULO—Oscar Natividade.  
PARANA'

CURITYBA—Elpidio Werneck.

MORRETES—Affonso Ladislau Gama de Camargo.

### SANTA CATHARINA

FLORIANÓPOLIS—Francisco de Assis Costa (*Gabinete Sul Americano*).

TUBARÃO—Luiz Martins Collaço.

S. FRANCISCO—dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto.

CAMPO-ALEGRE—Coronel Guerreiro de Faria Filho.

ITAJAHY — Arno Konder

LAGUNA — Rodolpho Baptista

### ESPIRITO SANTO

VICTORIA—Nelson Costa.

## ASSIGNATURAS

Anno 8\$000

Semestre 5\$000 Trimestre 3\$000

Numero avulso 1\$500

Pelas opiniões emitidas nas columnas da *Revista Catharinense* são individualmente responsaveis os colaboradores que as assignam.

# HUMBERTO I

Tardiamente, embora, a *Revista Catharinense* sente necessidade de dizer aos seus leitores que não lhe foi indifferente o CRIME DE MONZA.

Tambem ella sentiu o calafrio de terror que atravessou todos os povos. civilisados ás primeiras palavras sobre o execrando crime.

A sua voz desvaliosa e fraca se une a de todos quantos lamentão que o fanatismo politico julgue resolvida a crise proletaria com a eliminção dos chefes de estado, como se nas mãos de poucos estivesse a chave do problema.

A quem como, a *Revista Catharinense*, se jacta de deffensora das industrias para cujo desenvolvimento é imprescindivel a ordem, como condicção *sine qua non*, não podem ser agradaveis as perturbações capazes de destruir o equilibrio nas relações entre governados e governantes, equilibrio que praticamente se traduz no respeito e protecção mutuos. Por isso ella se allia de coração a quantos verberam o crime de que foi victima S. M. Humberto I, aproveitando o ensejo para apresentar os seus votos de profundo pezar a s. ex. o sr. conde Antonelli, ministro da Italia no Brazil, e á operosa colonia italiana com quem mantem as mais estreitas e sinceras relações de amizade.

Accitem-n'os aquelles de quem temos recebido repetidas e inequivocas provas de que retribuem os nossos sentimentos.



# SANTA CATHARINA--PARANÁ

O termos silenciado sobre uma das principaes questões de que dependem graves interesses de Santa Catharina, qual a de limites com o Paraná, de modo algum indica que lhe sejamos alheios. Julgamos dever proceder do modo porque o fizemos por nos parecer que não se coadunava com o bom senso intervirmos em assumpto affecto á competencia da quem sobre elle tem estudos especiaes, quando viamos a lide passar por todos os transmites regulares e imminente a solução. Mesmo a ultima resolução do Supremo Tribunal Federal negando-se a homologar o laudo do arbitro a que foi sujeito o litigio, não nos demoveria do proposito deliberado em que nos achavamos; e não o fariamos si noticias recentes de invasão do territorio catharinenses por autoridades paranaenses, facto sobre o qual, segundo informações da imprensa, as nossas autoridades tomáram as primeiras providencias — não viessem mostrarnos a necessidade de firmar definitivamente, e quanto antes, a qual dos estados cabe a soberania sobre o territorio contestado.

Os factos que motivam estas linhas e sobre os quaes não nos é permitido calar sem que faltemos a dever de officio, são narrados pelo nosso collega *Legalidade*, de S. Bento, em seus numeros 8 e 9, de 23 e 30 de Junho p. p.

Eil-os:

SEM QUALIFICATIVO

« Temos informações seguras de que o sr. Juiz Commissario do Municipio do Rio Negro, no visinho

Estado do Paraná, está illegalmente procedendo medições para legitimações de suppostas posses particulares á margem esquerda do Rio Preto, territorio pertencente ao Estado de Santa Catharina e contestado pelo do Paraná.

« Uma dessas posses que o sr. Juiz Commissario pretende medir pertence ao sr. Nicolao Valerio, do Rio Negro, e fica situada entre a linha *Moema* da colonia Lucena e o braço norte do Rio Itajahy, com uma extensão de 3 leguas de frente e 5 de fundo, mais ou menos.

« Este terreno do sr. Valerio temos certeza de que não está situado na zona contestada pelo Paraná, e deve pertencer ao município de Blumenau. Portanto a medição d'aquelle terreno feita pelo sr. Juiz Commissario, importa numia medição que traspassa os limites legaes e de fôrma alguma poderá garantir a legitimação.

« A lei das terras do Estado do Paraná considerou posseiros os intrusos que occuparam terras antes de 15 de Novembro de 1889, obrigados a registrar e legitimar suas posses, pagando no acto da legitimação, ao Estado, 1400 por hectare.

« Em virtude dessa lei o sr. Valerio e outros fizeram registros de posses imaginarias em territorio do nosso Estado, e agora o sr. commissario do Rio Negro, sem mais nem menos, pretende medir de sociedade os terrenos que pertencem a S. Catharina.

« Chamamos a attenção de todos aquelles que moram no territorio da zona contestada, a não se illudirem, pois deverão comprehender que, uma

vez decidida a questão de limites, o que se dará breve, e que pende de arbitramento, tudo quanto o governo do Paraná tiver feito, nesse territorio, nenhum valor terá, e tambem tornar-se-ão nullas taes medições. »

#### PREFEITO DE POLICIA

« Esteve entre nós, vindo de Campo Alegre, no dia 24 do corrente, o illustre dr. Benicio Nelson Tavares da Cunha Mello, Prefeito de Policia.

« O dr. Benicio Tavares veio proceder a inquerito com relação ao facto de terem as autoridades de policiaes do visinho Estado do Paraná invadido o nosso territorio no municipio de Campo-Alegre e procedido diligencia illegal, no lugar Papandua, dando busca na officina lithographica de propriedade dos subditos allemães snrs. M. Schrappe & Ca. removendo machinas lithographicas, pelo que os proprietarios allegam damnos e pedem, por intermedio do seu consul em Florianopolis, indemnisação.»



## Fatalidade

Amor meus, pondus meum

### I

Quizera á luz dos teus olhos,  
Poís d'ella se inundam tanto,  
Soletar o livro Santo  
Do teu coração, mulher:  
Ler nessas paginas rubras,  
Em que teu sangue crepita,  
A minha sentença escripta,  
A minha morte se quèr.

Ler atravéz do teu riso,  
De tua phrase convulsa,  
O teu coração, que pulsa,  
Que diz o teu coração

No teu desdem, no teu gésto,  
Na tua vóz, nos teus passos,  
No movimento dos braços,  
Na tua mesma emoção.

Ler através do perfume,  
Quê todo teu corpo exhala,  
O que diz, que pensa, e falla  
O teu livro virginal;  
Le-lo, como o sacerdote,  
Ajoelhado e constricto,  
Segundo as normas do rito,  
Lê no doirado missal.

Le-lo: e cheio de respeito  
Beijar a capa de fóra,  
Depois de fecha-lo embora,  
Depois de sahir do altar:  
Ler assim teu livro bello  
Com devoção, e humildade,  
Beija-lo após: e quem ha-de  
Le-lo, e após o não beijar?

## II

Mas a capa do teu livro  
E' essa epidérme fina,  
Que tu, ó mulher divina,  
Não me deixavas tocar;  
Nem me deixavas de leve  
Passar o meu labio ardente,  
Embora o mais santamente,  
Que um labio pode passar.

Se eu pudesse nessas folhas  
Escriptas com sangue rubro  
Ver, o que em ti não descubro  
No olhar, na gesto, na vóz;  
E na pagina mais bella  
Do teu virginal poema  
Ler minha sentença extrema,  
A minha sentença atroz...

Le-la no estylo dos anjos,  
Que fallam ás creaturas,  
Como as estrellas mais puras  
A' Deus só devem fallar...

Que eu lá não tinha uma lettra  
Em tudo, que ha lá gravado...  
Ver o meu nome lançado,  
Como um canaver no mar?!...

Pousado á luz explende,  
Que todo o teu corpo escorre,  
Boiando, como quem morre  
Num naufragio, sem ninguem,  
Sem mãe, sem pai, sem amigo,  
Emfim sem palmo de terra,  
Que o corpo mais pobre encerra,  
Que até um cão mesmo tem...

Bem dita... Bem dita sejas  
Em tudo, que de ti parte,  
Eu diria, sem lançar-te  
O mais ligeiro signal  
Da funda dor, que cruciava  
O meu coração ferido,  
Rôto, esmagado, vencido,  
No seu desastre total.

Para ti pediria a benção,  
Num ineffavel arroubo  
Aos dous extrêmos do globo,  
Aos quatro extremos do céu:  
Todas as brancas caricias  
Affagando o teu futuro,  
Um anjo, a pedra do muro  
Erguido contra o escarcéu...

Amo-te, e nada te peço:  
Teu corpo, e tu'alma eu quero:  
Mas sabes? eu nada espero,  
Nem ainda compaixão:  
Eu amo-te isto me basta:  
Para amar, não é preciso  
Ter em paga algum sorriso,  
Queira muito o coração.

Bem dito o bem, que me faças,  
Mesmo o mal, que me fizeres.  
Entre todas as mulheres  
E's como o lirio do val:  
Nega-me tu teus perfumes,  
Vota-me um odio profundo:  
Tu és o sol do meu mundo;  
O meu amor é fatal.

## III

São para mim teus olhos um mysterio,  
Que procuro sondar.—Embora seiçmo,  
Procuro embora nesse fundo abysmo  
A luz, que me dirija; e é tudo em vão:  
Tem da pomba a fremer, o arrulo, o beijo  
Tem da estrella da tarde a luz serena,  
Tem a suave e doce cantilena  
Do sabiã em noites de verão:

Tem da lagrima santa o doce brilho,  
A languidez da jurity no matto,  
Tem das virgens o tremulo reato,  
E a frescura do orvalho matinal;  
Tem a oração da tímida creança,  
Tem da mulher voluptuoso encanto  
Tem sorriso e prazer, tem magua e pranto  
E é, como um ninho em me.o de um rosal:

E è, como um ninho esplendoroso e quente,  
Deixado acaso em perfumada moita,  
Onde o réi das canções, que alli se acoita,  
Com ellas enche a extensa solidão;  
Como um navio velejando a tarde  
Entre o abysmo dos céus, e o azul dos mares  
Quando as brisas penduram-se aos palmares,  
Que os nautas levam sobre o coração:

Oh! como um ninho, que tem dentro d'elle  
Dous colibris, que voam noite e dia  
Dos cilios entre a fresquidão macia,  
No langue ardor dos dias de verão:  
Mas nesses olhos, onde os astros dormem,  
Trocando o céu por outro céu mais bello,  
A sombra negra da paixão de Othélo  
As vezes passa com um punhal na mão ...

Os teus olhos! ... O livro, que procuro  
Ler noite, e dia, e sempre, que não leio!  
Sei, que è feito de luz e sangue, e cheio  
De poemas, que os anjos dictam só,  
Quando as escadas d'oiro dos sens sonhos  
Descem num bando alegre e luminoso,  
E perturbando-a no infantil repouso  
Saccodem-lhe das azas todo o pó.

Quem ha-de lêr o edenico poema,  
De que ella só conserva a chave d'oiro,  
Guardando-o como quem guarda um thesolro,  
Que não ha-de jamais dar a ninguem!  
Oh! meu amor, levanta um pouco a folha  
Deste encantado livro; abre um instante,  
Uma pagina só: eu delirante  
De joelhos lerei tudo, que tem,

Mas... quando haja uma estrophe, em que meu  
Ferido, como Dante fulminava, [nome  
Quando o seu verso vingador cravava  
No largo, enorme fianco de algum réo ..  
Torcido, atado ao poste do despreso,  
Nú, como Adão do paraizo expulso  
E arremessado por teu pé convulso,  
Anjo de amor, do teu formôso céu..

Issim mesmo mendigo, e inda orgulhoso  
Sem te pedir da compaixão a esmola,  
Mesmo de longe, ó perola, consola  
Meu coração por ti cahir,— morrer.  
E'-lhe inda goso o ultimo suspiro,  
E ao convulsar da ultima agonia,  
Dizer: — Mulher, eu nada te pedia:  
Amo-te, acabo, morro: é meu prazer.

Mas, archanjo de luz, eu só deliro:  
Ne livro dos teus olhos nada leio:  
Quem assim perturbar minh'alma veio,  
Como quem lança o vento no aéal?  
Teus olhos têm da pomba o doce arrulo,  
Da estrella a luz tremida, e a macieza,  
Quando dentro das aguas brilha presa,  
Como uma gotta d'oiro num crystal.

Têm o encanto, que céga e que fascina,  
Tem o gemer da jurity viuva:  
Tem o murmurio, e o scintilar da chuva  
Por entre as folhas cheias de arreból:  
Tem a caricia branca da creança,  
O lascivo calor da primavera...  
Teus o'hos rolam na serena esphèra  
O Céu todo banhado em luz do sol...

LUIZ DELFINO.

(*Continúa.*)

## INDUSTRIA CATHARINENSE

### IX

#### APPELLO

Ao iniciarmos nestas columnas o  
presente trabalho visando a EXPOSI-  
ÇÃO CATHARINENSE, tivemos occasião  
de nos dirigir aos industriaes patricios  
solicitando-lhes as informações con-  
stantes do questionario que reprodu-  
zimos hoje.

Talvez por impropriedade de ex-  
pressão, fomos mal comprehendido.

por alguns dos interessados, cujos esclarecimentos não nos tornam capazes da organização do trabalho estatístico preliminar, necessario para a estimação exacta dos elementos com que tenhamos de contar.

Em taes condições, pedindo-lhes se cifrem tanto quanto possível aos *itens* do nosso questionario, reiteramos-lhes a solicitação, certos de que a sua annuencia não se demorará, fazendo nos senhores dos dados de que tanto carecemos.

E não é só do auxilio dos srs. industriaes, agricultores, fabricantes, commerciantes, banqueiros, — que carecemos. Não devemos alheiar do nosso tentamen todos aquelles sobre quem de perto possa influir o resultado de qualquer manifestação do progresso catharinense. Queremos dizer que ás autoridades federaes, estadoaes ou municipaes, assim como a todos os particulares se dirigem as presentes linhas, pois de seu concurso, só nos poderão advir resultados que melhor corôem o nosso esforço.

Não desconhecemos que o nosso pedido vá augmentar-lhes os affazeres, e se nos atrevemos a elle, é que consideramos cada cidadão sobrecarregado da obrigação de concorrer, ainda mesmo com sacrificio de um certo numero de commodidades, para o bem geral de que não poderá deixar de prover o melhoramento das condições individuaes.

E' por isso que não nos sentimos inhibidos de dirigir-lhes este appello, persuadidos de que a sua convicção é, nesse ponto, perfeitamente harmonica com a nossa.

Ha mais ainda. O bem estar de que gosamos no actual estado da nossa civilização não é fructo exclusivo do nosso trabalho. Muito ao contra-

rio, elle corresponde aos serviços das gerações passadas que nol-o prepararam, estabelecendo a obrigação de procedimento identico nosso para com os que hão de vir. Fruimos resultado de trabalho para o qual não concorreremos; é justo que, honrando o passado e preparando o futuro, organizemos elementos capazes de obligar os vindouros a sentir por nós o que nós sentimos pelos que se foram.

E' a todos que se acham convencidos e dispostos á obediencia deste preceito de moral que nos dirigimos.

E como não descremos dos seus sentimentos em relação aos desejos de progresso da terra catharinense, em prol do qual temos o dever de trabalhar, estamos muito a vontade agradecendo-lhes, de ante mão, o quanto venham a despender em nosso auxilio.

A o sr dr. Governador, aos srs. Secretarios de Estado e aos Srs. chefes das diversas repartições estadoaes, bem como aos srs. superintendentes municipaes mais de perto se dirigem as nossas palavras como os mais aptos a, em favor da EXPOSIÇÃO CATHARINENSE, nos fornecerem os dados estatísticos indispensaveis ao trabalho previo que deve servir de base a todas as outras providencias.

O questionario a que nos referimos em começo, dirigido aos Srs. industriaes, é o seguinte :

I. Determinação topographica precisa e minuciosa do local em que se acha situado o estabelecimento.

II Area occupada por todas as dependencias.

III. Genero de produção, capacidade productiva e produção ordinaria.

IV. Organização do pessoal, numero de empregados e regimen administrativo.

V. Data da installação, nomes dos proprietários ou directores, e modificações porque hajam passado as respectivas firmas.

VI. Acquisição da materia prima : si no estrangeiro, si no paiz.

VII. Nomes dos representantes ou agentes nas differentes praças.

VIII. Capital empregado.

IX. Modo de funcionamento e qualidade e força do motor empregado.

## X

### CONTRADICTA

Em theoria é pertitamente acceitavel que o desenvolvimento industrial independe da acção do Estado. Em theoria, e somente lá, pode ser tomada ao pé da lettra aquella verdade, que pela sua carecteristica racional, é incapaz de produzir na pratica resultados positivos si não a subordinarmos ás condições de relatividade, indispensaveis a todo o universo.

Para o nosso caso, como para muitos outros, o argumento não procede. Antes de tudo elle não procede porque não se tracta — é cousa muito differente o que nós pedimos — da intervenção dos poderes publicos animando determinada industria em detrimento de outras, quando todas as industrias licitas são de interesse collectivo. E' essa a unica interpretação rasoavel da independencia entre o Estado e a actividade industrial, que, — em contrario á comprehensão absoluta do argumento com que respeitavel antagonista procurou tolher-nos o passo — não póde deixar de estar subordinada á regulamentação necessaria á salvaguarda dos interesses collectivos, mais respeitaveis

quando abrangendo maior esphera de acção, do que os a que serve determinado ramo industrial.

A industria, comquanto relativamente independente, fica sob a jurisdicção do poder publico que é a sentinella dos direitos communs, susceptiveis de sacrificios injustos em favor de um ramo exclusivo, quando forte sejam os recursos deste. Outra não póde ser a verdade. Independencia entre as duas instituições, mas independencia relativa,

O quanto se tem dito nestas columnas é que do auxilio — dos poderes publicos depende em parte, o surto da *exposição* em que se devem mostrar os productos TODOS da industria catharinense.

Ninguém negará que a acção do Estado é perfeitamente licita para a satisfação das exigencias da communhão, assim como ninguém negará que corresponde, tão completam nte quanto é possivel, a essas exigencias a organização de um certamen industrial da natureza do por que nos estamos batendo.

Ora, desde que ha perfeita coincidencia entre o procedimento que se pede a um e as necessidades a que elle é obrigado, pela natureza da sua propria existencia — a procurar corresponder — porque negar a legitimidade da sua acção?

Tudo de quanto se o pudesse accusar em semelhantes condições — isso mesmo sómente inspirado em exagero pouco serio — seria de tornar-se industrial encyclopedico. Mesmo assim sendo, dadas as condições incipientes das nossas industrias, á falta de capitaes que as animem, qualquer acto tendente a fazel-as conhecidas não poderia deixar de ser recebido com applauso geral, porque ainda attendendo á mesma condição

de relatividade a que não pode deixar de se subordinar o argumento contrario — a missão dos governos não é, na ordem activa, deixar que se percam as forças productoras, mas encaminhal-as, sem pressão, ao fim da sua existencia.

E' a differença que caracteriza a sua ingerencia nas duas ordens em que se dividem as sociedades: na ordem especulativa, completa abstenção salvo em casos muito restrictos, deixando aos theoristas livre o campo ás suas investigações; na ordem pratica, severa vigilancia, pois que muito de perto se acha esta ligada aos interesses immediatos da sociedade, sobre os quaes a sua influencia é mais directa, mais sensivel e mais energica.

O poder publico é por isso obrigado a corrigir os senões que a falsa comprehensão de determinados grupos procure imprimir á ordem civil, de cuja existencia depende todo o desenvolvimento colectivo. O Estado está dentro de sua alçada provocando a convergencia das forças capazes de evitar aggravação perniciosa das condições do meio que lhe delegou a função. O Estado está, portanto, em perfeita harmonia com as suas attribuições protegendo os certamens industriaes, de que só podem provir beneficios, em resposta ás necessidades collectivas que lhe cumpre attender.

Dentro da doutrina da harmonia das instituições, como condição de desenvolvimento, o que temos dito é perfeitamente acceptavel.

## XI

### EM NOSSO ABONO

Mal escreveramos as linhas acima chega-nos ás mãos um dos ultimos, numeroz do *Sul-Americano*, collega

para nós sympathico por todos os titulos, contendo a seguinte noticia relativa a uma industria que consideramos nova para Santa Catharina, e capaz de compensar fartamente aos que a ella se dedicarem:

«Acha-se exposto no «Gabinete Sul Americano» uma amostra de colla de garra de boi fabricada no estabelecimento industrial dos Srs. Francisco Adão Schmidt e Ernesto Iansen, de S. José.

«Este producto da industria catharinense que em qualidade rivalisa com seus similares importados pelo nosso commercio, pode ser examinado por todos aquelles que delle fazem uso, e pelos srs. negociantes.

«No mesmo estabelecimento achase em preparo a colla liquida, da qual receberemos brevemente uma amostra e que poremos a disposição dos consumidores.

«Além dos apparatus proprios ao fabrico destes productos, possui o alludido estabelecimento machinas aperfeçoadas para o beneficiamento do café, fubá, etc.

«E' motivo para dar-se os parabens ao municipio de S. José e ao Estado de Santa Catharina por mais esta industria.»

Que nos sentimos satisfeitos vendo uma nova industria em terra catharinense, ninguem o duvidará, estamos certos. Entretanto, não hesitamos em declarar o desagrado que nos causou encontrar apenas em um dos periodicos catharinenses, no mais novo, uma referencia ao facto.

Já o dissemos mais d'uma vez, sem intenção de melindrar a quem quer que seja, e é occasião de repetir aqui — a ignorancia quasi completa a respeito do nosso Estado, deve-se em grande parte, á deficiencia dos recur-

sos de publicidade. A imprensa periodica local, quasi toda partidaria e com obrigação de accudir às questões politicas, não pôde, por maior que seja a sua boa vontade— somos nós os primeiros a attestal-a— attender de prompto a interesses de outra or dem.

Esta é a verdade e nenhum dos jornaes publicados em Santa Catharina é por si culpado do mal: existindo num meio exigente de taes condições, o que de forma alguma com títue particularidade nossa, forçosamente se subordina a ellas; e de tal fórma estamos convencidos disso que nos causaram agradável surpresa os numeros do sympathico collega a que alludimos em principio, o qual collocado em terreno alheio as luctas partidarias, coseguiu em menos de anno dobrar o seu formato, sem prejuizo do interesse que sempre despertou.

Não vae nestas considerações intuito de susceptilisar aos outros dos quaes só temos recebido distincções que nos penhoram e os impoem á nossa gratidão, já que d'outra fórma não nos é possível retribuil-as; nem nos achamos em circumstancias de indicar-lhes outro caminho: não, tudo quanto pretendemos é, infelizmente com argumento solido, deixar patente esta desagradavel verdade— carecemos de meios de divulgação dos nossos recursos dentro e fóra do Estado, pois só com elles conseguiremos que alguém se interesse por nós, ou, pelo menos, que nos conheça um bocadinho.

Quasi não precisamos indical-os, tal a evidencia com que se mostram. Quem não terá comprehendido que o auxilio dispensado a publicações da natureza da *Revista Catharinense*, destinada essencialmente a esse mister,

e ao certamens industriaes, capazes, elles só, de demonstrar o progresso de Santa Catharina, concorrerá em muito para a prova do que somos e do que produzimos?

G. S.

## A promessa (\*)

.....

E com a rudez peculiar aos marinheiros o meu compadre (\*\*) referiu:

«Nunca fui supersticioso; *crendices* nunca me povoaram a mente, nunca se me aninharam no cerebro; tambem durante os meus cincoenta annos nunca vi cousas sobrenaturaes.

«Apenas um factio extraordinario se deu, em que por assim dizer fui parte, e para o qual nunca achei explicação; attribui-o ao accaso; mas não sei porque, è sempre com um certo enleio, com certo embaraço que me lembro d'elle.

«Commandava eu então o brigue. . . e acabava de deixar a Bahia em optimas condições; vento fresco de leste para nordeste, mar com pequenas vagas do mesmo quadrante, e assim viajamos durante tres dias com direcção ao sul, a um largo, escôtas folgadas, sempre com vento de feição, e o navio singrava bem.

«Ao quarto dia, porém, desta navegação, o vento saltou á prôa, do quadrante sul para o sudoeste, com impetuosidade, apresentando-se então uma tempestade violentissima, acompanhada de abundantes chuvas; para se preparar algum alimento, luctou-se já com difficuldades; comtudo aguentámo-nos como pudemos

durante esse dia e noite, esperando que no immediato o vento abrandasse e pudéssemos fazer mais facil a vegação.

«Puro engano!

«Nesse dia o vento soprou ainda mais rijo e a chuva tornou-se mais violenta; batéguas d'agua, enormes pela duração e intensidade, pareciam nunca acabar, e si por ventura, decorridas horas, como que diminuiam um pouco, era para recrudescerem logo de modo espantoso; foi impossivel cozinhar-se.

«Appellou-se então para o dia seguinte, sempre na esperança de melhor situação, esperança vã, porque as nossas condições não melhoravam em cousa alguma; pelo contrario, o mar parecia querer abysmar-nos; o vento redobrou ainda de furia, e a chuva era tanta que impossivel nos fôra divisar á pequena distancia qualquer cousa em derredor de nós.

«Contavamos já alguns estragos nas obras mortas, e prejuisos, e tudo quanto estava no convez achava-se peiado; o fogão, aliás bem solido, tinha sido arrebatado pelas ondas que, furiosas, varriam o mesmo convez de prôa á pôpa . . .

«Com esta navegação estimada, sem sol, sem estrellas, como saberemos onde andavamos?

«Perdiamos-nos em conjecturas, e mais nada.

«A principio tínhamos aguentado á capa, mas depois foi preciso desfazel-a, e, nesta emergencia, a lucta tornou-se medonha, bordejando ora para o lado de terra, ora para o mar, e assim iamos por um vasto oceano a fôra sem sabermos qual o nosso paradeiro.

«Nesse dia, o terceiro do temporal, sexto de viagem, ninguem mais fallou . . . todos calados, a investiga-

rem o horizonte, muito limitado, e a procurarem sorprehender no espaço um ponto, uma promessa de luz, atravez da massa pardacenta das aguas, que podesse ser traduzida como prenuncio de bom tempo; e restos de navio, destróços de naufragio, desfilavam já bem juntinho de nós, ao côro plangente de gemidos, que entoavam as enxarcias, cortando o ar, como se o navio na previsão de sua sorte desferisse a propria ne-nia.

«Angustiosa foi a noite desse dia; pedaços da borda voaram às vergastadas que lhe imprimiam as ondas, cada vez mais ousadas, cada vez mais medonhas e por pouco não perdemos um marinheiro na sua rascada . . .

«Ao amanhecer do setimo dia perdi toda a esperança de salvação.

«Tinha-nos valido até allí a rijesa do navio; porém, de que servia isso, si a tripolação, muito maltratada pelo trabalho rude e pesado dos tres dias anteriores, sem reparação compensadora de forças, começava a desfallecer, e o temporal, como se tivesse vindo propositalmente para nos aniquilar, em vez de abonancar, tornava-se de dia em dia mais ameaçador?

«Andavamos á matroca e justamente quando esperavamos vêr surgir um raio de esperança, era quando a morte se nos apresentava em toda a sua hediondez.

«Perdi a esperança, sim, mas não perdi a calma.

«Pela manhã redigi rapida noticia da situação difficil em que nos viamos; metti o bilhete dentro de uma garrafa e lancei-a ao mar . . . em mente despedi-me de todos os meus.

«Eu poupava o mais que podia o meu contra-mestre, contando que,

dada qualquer eventualidade, elle tomasse conta do navio e pudesse salvar os nossos companheiros de infortunio . . .

«Estavamos irremediavelmente perdidos.

«A's dez horas mais ou menos vejo-o encaminhar-se para mim, seguido de toda a tripulação; posto que houvesse na attitude alguma coisa de sério, de mysterioso, não perdi o animo, e, calmo e sereno, aguardei os acontecimentos.

«Descobriram-se todos e o contra-mestre tomou a palavra :

—Senhor capitão, disse, nós estamos perdidos, e então eu com estes rapazes vimos aqui pedir-lhe para offerecermos a vela grande ao Senhor dos Passos da nossa terra, para que elle se amercie de nós e nos livre dos horrores da morte n'este oceano; póde bem ser que se condôa de nós.

«Disse-lhe que nunca fui de *crendices*, e com effeito, bem certo de que nos achavamos debruçados á beira de um abysmo, irremediavelmente condemnados, ouvi o pedido da marinhagem com a maior indifferença.

«Todavia nem o caso era para philosophar, atacando crenças alheias, nem para recusar-me a tão innocente pedido; declarei, pois, que se essa era a vontade da tripulação, feita estava : fosse, portanto, offerecida ao Senhor dos Passos a vela grande do navio...

«Dizer-lhe a transformação que se operou naquelles rostos abatidos de dias —é impossivel ; considere, para avaliar, que pessoas conscientes estão a succumbir no mar alto, agarrados a pedaços de madeiras, porém a extenuarem-se, e que de repente uma voz de entre ellas faz ouvir este grito:—*Vela ao mar!*

«Imagine, para poder comprehender, a alegria que se apodera dessa gente e só assim poderá fazer idéa da que irradiou nos rostos dos meus marinheiros ao ouvirem que eu acquiescia ao seu pedido, concordava com a sua promessa.

«Um tição apagado appareceu logo, e o contra-mestre em lettras tão grandes quanto as podia fazer, escreveu na vela grande estas palavras—SENHOR DOS PASSOS.

«Cinco minutos depois pareceu-me que o vento deslocava-se e assim era; a chuva foi diminuindo gradualmente até parar; o horisonte apresentou-se barrado de nuvens alvas como algodão, ainda que pesadas; de repente esses vapores, muito condensados, começaram a erguer-se de um lado, muito lentamente, deixando vêr por baixo, em gracioso contraste com o massa alvacenta das nuvens o desenho nitido, claro, perfeito, da costa, que desenvolvia-se em curva para além da prôa do navio!

«Era a terra que viamos a uma distancia relativamente proxima, essa terra querida, da qual estavamos ausentes—havia sete dias—que tanto desejavamos pisar, e que agora alli estava, medonha na sua belleza, nos seus encantos, a ameaçar-nos de morte certa, inevitavel!

«Achavam-nos mettidos dentro de um sacco ; mais alguns minutos, vinte, trinta, quarenta—quem sabe?—e seríamos todos uma duzia de cada-veres.

«A cortina de nuvens baixou; o céu cerrou-se de novo; o vento recrudesceu; a chuva cahiu com mais força e o mar embraveceu de modo horrendo, ainda que com grande gaudío da minha gente, que, ruidosa, festiva, entoava o—*Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento!*

«O temporal durou ainda dia e meio, e podia continuar por uma semana, porque certos do rumo, que levavamos, não havia mais tristezas a bordo.

«Só tres dias depois de ter cessado o máo tempo, pudémos entrar no Rio de Janeiro, onde nos suppunham perdidos, e com effeito por pouco não arribamos á costa do Espirito-Santo.»

1897.

R. J.

(\*) Historico.

(\*\*) J. A. M., capitão de navio

## Por dever

—:—

O *Puritano*, excellente hebdomadario de propaganda religiosa, publicado nesta capital, permittirá que rectifiquemos parte do que sob o titulo—*Domador coroado*— estampou no seu numero de 26 de Julho, em relação ao illustre sacerdote catharinense revdo. João Nepomuceno Manfredo Leite.

Furtar-nos-íamos a intervír no assumpto, que incide em pontos de doutrina organica do regimen constitucional brasileiro, si não nos penalisasse o rigor com que o nosso collega se refere ao respeitavel patricio, digno por todos os titulos do respeito dos seus concidadãos, collocando-o entre os professores que «apenas entregam ao serviço social rapazes gastos, prostrados de fraqueza physica, de esgotamento apathico, cheios de tristeza e de tedio.»

Não entraremos na apreciação do ensino religioso nas escolas primarias, permittido em Santa Catharina, quan-

do na administração o exm. sr. dr. Hercilio Luz, e agora prohibido pelo governo do Estado.

E' questão de alta importancia que não nos pertence ventilar no momento em que nos propomos apenas a uma rectificação de ordem pessoal.

Informações criteriosas, e o interesse com que vimos acompanhando essa questão desde o seu inicio, nos habilitam a informar ao collega que sobre o revdo. Manfredo Leite não pesa a accusação que lhe attribue de haver «entre outros factos», que não reproduz por desnecessario, maltratado um alumno «lançando-lhe a mão á cabeça e puxando-lhe os cabellos», alem «de atirar-lhe em face as palavras—*sem vergonha*».

A informação erronea conduziu o collega a uma apreciação injusta do joven e talentoso catharinense, que apenas apparece no incidente em defesa de um collega e da igreja de que é ministro.

Ninguem, estamos certos,—e muito menos um adversario tão leal como mostra ser o *Puritano*—lhe negará competencia para isso.

O accusado de não haver tractado com a devida benevolencia um menino, alumno de uma das escolas primarias de Santa Catharina, não foi o revd. Manfredo Leite, a quem o collega censura, mas um outro sacerdote e a intervenção daquelle a quem se extranha «não haver reconhecido os seus erros e a sua incapacidade para tão melindrosa incumbencia», está plenamente justificada quando se tracta de interesse da communhão religiosa a que se votou, com decidida vocação e incontestavel competencia.

Fique consignado, permitta-se-nos isso, não haver entre quem se atreve a lançar estas duas palavras, a propo-

sito de tão injusta accusação, e o reverendissimo Manfredo Leite identidade de vistas em materia espiritual: é bem grande a distancia entre nós, mas não tanto que nos faça esquecer as qualidades notaveis do patricio illustre, a nosso ver uma das mais prometteadoras esperanças da nossa terra.

Separa-nos a barreira das convicções divergentes, mas nem por tal nos eximiremos de proclamar a injustiça que se lhe faz e as eminentes qualidades que o tornam digno da admiração publica.

Longe de ser lhe necessario aprender todos os requintados segredos da educação, no pensar do *Puritano*, sua reverendissima é um sacerdote modelo e capaz de se impor ao conceito de todos, mesmo do collega, si lhes fosse permittido approximar-se.

P. N.

O presente numero da *Revista Catharinense*, primeiro do segundo semestre, é distribuido a muitas pessoas até hoje não assignnantes, as quaes serão nesse character consideradas, si até 30 de Setembro não o devolverem.

Desejamos com isso, bem se comprehende, augmentar a nossa circulação, que ja se estende a todo o Brazil. E' ocioso justificar o procedimento que ora temos, assm como ocioso é pedir áquelles a quem nos dirigimos, o seu auxilio.

Com isso lucrarão os interesses catharinenses vendo-se levados a centros onde até hoje são quasi

desconhecidos, e lucrarão os nossos assignnantes, pois os melhoramentos da *Revista* apparecerão á medida da accentuação da sua prosperidade.

E' o sufficiente, parece-nos, o que ahi fica.

## Traços...

Só por muito empenho me cedem um logarzinho na *Revista*. Assim, só de seis em seis mezes tenho a honra de apparecer-lhes. E' o que faz a gente ter valôr.

— Tenha paciência, meu amigo; escreva para o outro numero que o deste mez já está completo.

E' lá vai elle, o secretario, que não me passa da garganta, com ares de quem, muito atarefado, não tem tempo a perder com um *João Ninguem* como eu.

Hoje, fóra do costume, encontrei-o estropiando num assovio de flautim desafinado, uma aria em voga nos *cafés cantantes*—começa a minha vingança: fica toda a gente sabendo que aquelle cara de *mata-moiros* tambem gosta de divertir-se—; mas, dizia eu, encontrei-o a assoviar—bem baixinho, é verdade—e com ares de satisfeito, lá para as bandas da Lapa.

— Então, *seu Coisa!* Como vamos? Escreveu?

Eu, a quem a inspiração, graças a Deus, nunca falta, animado por aquella boa vontade tão rara, fui logo entregando este *Traços*, já seis vezes reformados á espera de espaço.

— Está muito grande, meu amigo. Corte ao meio, se não, V. com as suas saudades chorosas que tem fôlego de gato, vai-me a transformar a *Revista* num cemitério. Vamos lá! eu mesmo corto... um palmo de cabeça e um palmo de cauda.

E, dizendo, o insolente rasgou as quatro primeiras e as quatro últimas tiras.

Eis porque os *Traços* são incompletos.

Antes que me esqueça: estas primeiras linhas representam um pequeno abuso de... de confiança. O *mata-moios* confiou-me as primeiras *provas* e eu, por minha conta, fui accrescentando alguma cousa.

Não reparem: é assim que eu me vingou. Mas nem com a protecção de todos os santos do Céu, me livro da tempestade... Também ... que me importa! estou vingado...

\*  
\* \*

... este Julho que corre friorento, com as suas manhãs brumosas, como uma cortina densa que esconde tudo, o céu, o sol, o mar, as arvores, tudo, tudo que não sejam aquelles olhos que me prendem. Eu te estimava, Julho, porque me consentias com a tua neblina incommoda concentrar todos os sentidos na unica luz que não podes apagar, a luz dos seus olhos.

E' porque eu te odeio agora, Julho: é porque me trazes a lembrança os dias que não voltam, pilacerando uma a uma as particulas deste pobre morto que trago dentro do meu peito... Não sei si bem me expribo. A acreditar nas theorias de um velho camarada (vide a nota do final) expendidas de quando em quando ás horas em que descansa, estou em erro e erro crasso.

Diz elle entre duas fumaças: « Fiquem sabendo, o coração não é o que V. V. pensam. Está muito longe disso: órgão da circulação e séde da affectividade... é boa! Para mim não passa d'uma hospedaria, que se distingue das outras apenas por uma particularidade. Eu o concebo assim, pelo menos commigo se deu isso: uma casinha de commodos, bem dividida onde ha lugar para os pais, os amigos, os irmãos, os companheiros...

—E para quem mais? Completa isso.

— Nada de pressas... é uma casa onde se podem alojar todas as affectiões, cada uma no seu cubiculo, vivendo de si e para si, sem que lhe importem as companheiras. O que a distingue das outras é que, uma vez occupado o compartimento principal, ainda que o inquilino se retire ninguém mais lá entrará... o primeiro dono leva comsigo o segredo da fechadura... Concordam?

.....

Pela minha parte confesso que não tenho idéas muito firmes a respeito. Posso apenas dizer que, casa de commodos ou outra cousa qualquer, quem me faz odiar o mez de Julho é este coração, que não pôde vel-o passar, sem se sentir inquieto recordando o que eu desejo esquecer.

Vai-te, Julho maldito, e com as tuas nublinas tristes, leva-me tudo quanto resta do passado.

\*  
\* \*

Ao longe, na fimbria do horisonte, onde as duas immensidades se abraçam jurando o pacto da eterna solidariedade, onde o céu e o mar se fazem irmãos, sentindo um o que o outro sente, ainda e sempre, vejo o fumo que se desfaz levado pela brisa do sul...

Tudo se desfaz na distancia que nos separa, partem-se todos os nossos laços tantas vezes reforçados na doce intimidade dos seus juramentos... Tudo, tudo se vai mas quando nada mais existir, ainda que o universo inteiro se colloque entre nós, uma luz mais forte do que a tua claridade, ó lua, com mais brilho do que vós outras, ó estrellas que luctais a noite inteira contra as trevas, a luz dos seus...

\*  
\* \*

Voltariamos agora ao Julho si o *mata-moiros* não houvesse inutilizado o resto. E até a primeira vez, que o encontre de bom humor.

No meu PALACIO DAS SAUDADES, em dias do mez que odeio de 1900.

S.

NOTA -- Em vez de velho camarada, leia-se: o carrança mais impertinente que conheço.

VALE.

O «Centro Catharinense» recebeu delicada communição de haver sido empossada, a 2 den Juho, a mesa administrativa da Irmandade do Senhor Bom-Jesus dos Passos e Hospital de Caridade da capital do nosso Estado, para o binnio de 1900-1902.

Agrade cendo a gentileza, fazemos votos para que a nova direcção veja os seus esforços coroados do mesmo exito que as suas antecessoras, e á sua disposição nos collocamos para tudo quanto possa concorrer em beneficio do notavel instituto de caridade do qual em melhor oportunidade diremos mais detalhadamente.

O «Centro Catharinense» dispõe ainda de alguns exemplares da obra «Santa Catharina» de Virgilio Varzea publicada por occasião das festas do 4.º Centenario do Brazil.

Que mdesejar possui-a, etnender-se-á com a secretaria.

## GRANDE DEPOSITO E OFFICINA DE MARMORES

—DE—

### J. Emilio Bergmann & C.

Encarregam-se de todo e qualquer trabalho de marmores, monumentos, capellas, anjos, estatuas, fachadas de edificios, balaustradas, escadas, vasos, columnas, altares, pias baptismaes e para agua benta, banheiras, pedras para moveis, etc., etc.

ESCUPTURA, ORNATOS E ARCHITECTURA

FINISSIMO GOSTO EM TRABALHOS PARA SEPULTURAS COM PERFEIÇÃO, BREVIDADE E PREÇOS RAZOAVEIS

*Mandam vir qualquer encommenda directamente da Europa, fornecem desenhos e incumbem-se de qualquer trabalho para o interior.*

## RUA DE S. JOSÉ 77

RIO DE JANEIRO